



Saberes ancestrais: a importância do conhecimento tradicional sobre plantas medicinais em comunidades rurais

Rafael da Silva Paiva^{1*}, Antônia Conceição Ferreira da Costa^{2*}, Taynara Santos Amaral^{3*}

¹Mestrando em Ciências Ambientais, Universidade Federal do Pará, Brasil. (*Autor correspondente: paivarrafael@gmail.com)

²Mestranda em Ciências Ambientais, Universidade Federal do Pará, Brasil. (*Autora correspondente: antonia.quilombola113@gmail.com)

³Mestranda em Ciências Ambientais, Universidade Federal do Pará, Brasil. (*Autora correspondente: taynara.amaral@ig.ufpa.br)

Histórico do Artigo: Submetido em: 03/06/2025 – Revisado em: 25/06/2025 – Aceito em: 16/07/2025

RESUMO

As plantas medicinais têm sido fundamentais na cultura humana devido às suas propriedades terapêuticas, especialmente em comunidades rurais. O conhecimento tradicional, transmitido oralmente ao longo de gerações, reflete a interação com o meio ambiente e contribui para a saúde física, espiritual e ecológica. Por meio de uma revisão integrativa de literatura, foram analisados estudos publicados entre 2014 e 2024 sobre o uso de plantas medicinais no Brasil. Os resultados evidenciaram que essas plantas são amplamente utilizadas na medicina tradicional para tratar ferimentos, aliviar sintomas e promover a saúde, sendo associadas à agricultura familiar e à subsistência em comunidades rurais. Além disso, destacam-se as dificuldades de acesso aos serviços de saúde, que reforçam a dependência das populações locais de práticas terapêuticas naturais. Estudos etnobotânicos são importantes para registrar e valorizar o conhecimento tradicional, promover o manejo sustentável de recursos naturais e orientar políticas públicas que integrem saúde, meio ambiente e cultura. Conclui-se que as plantas medicinais desempenham um papel central na saúde das populações tradicionais e na conservação da biodiversidade, destacando a importância de práticas que conciliem saberes tradicionais e inovações tecnológicas para garantir a preservação sociocultural e ambiental.

Palavras-Chaves: Plantas medicinais, Conhecimento tradicional, Sustentabilidade.

Ancestral knowledge: the importance of traditional knowledge about medicinal plants in rural communities

ABSTRACT

Medicinal plants have been fundamental in human culture due to their therapeutic properties, especially in rural communities. Traditional knowledge, transmitted orally over generations, reflects the interaction with the environment and contributes to physical, spiritual and ecological health. Through an integrative literature review, studies published between 2014 and 2024 on the use of medicinal plants in Brazil were analyzed. The results showed that these plants are widely used in traditional medicine to treat injuries, alleviate symptoms and promote health, and are associated with family farming and subsistence in rural communities. In addition, difficulties in accessing health services are highlighted, which reinforce the dependence of local populations on natural therapeutic practices. Ethnobotanical studies are crucial to document and value traditional knowledge, promote the sustainable management of natural resources and guide public policies that integrate health, environment and culture. It is concluded that medicinal plants play a central role in health and biodiversity conservation, highlighting the importance of practices that reconcile traditional knowledge and technological innovations to ensure sociocultural and environmental preservation.

Keywords: Medicinal plants, Traditional knowledge, Sustainability.

Paiva, Rafael Silva; Costa, Antônia Conceição Ferreira; Amaral, Taynara Santos. Saberes ancestrais: a importância do conhecimento tradicional sobre plantas medicinais em comunidades rurais. **Meio Ambiente (Brasil)**, v.7, n.3, p.144-152.



Direitos do Autor. A Meio Ambiente (Brasil) utiliza a licença *Creative Commons* - CC BY 4.0.

1. Introdução

As plantas medicinais têm sido utilizadas pelo homem desde muito tempo por conta das suas propriedades medicinais. Neste contexto, o conhecimento tradicional pode ser entendido como um conjunto de saberes sobre o mundo natural e espiritual, transmitidos oralmente ao longo das gerações e que devem ser compreendidos dentro do contexto cultural em que surgem. Para muitas culturas, o conceito de saúde vai além do físico, sendo visto como um estado de equilíbrio espiritual, social e ecológico. Dessa forma, a saúde envolve tanto a harmonia com o ambiente quanto a convivência comunitária, mostrando a importância de valorizar esses conhecimentos na preservação cultural e ambiental (Lemos e Araujo, 2015).

A utilização das plantas medicinais como alternativa terapêutica no Brasil é resultante da forte influência cultural indígena, europeia e das tradições africanas. Cabe pontuar que muitas comunidades tradicionais têm como principal recurso terapêutico o saber ancestral, que está profundamente ligado aos recursos naturais disponíveis ao seu redor. Neste contexto, elas desempenham um papel fundamental na preservação de uma ampla variedade de plantas, tanto nativas quanto exóticas, que são utilizadas para atender a diversas necessidades, desde a alimentação até a saúde. O reconhecimento e a valorização desses conhecimentos, além de sua relação com o meio ambiente, proporcionam estratégias para o manejo e o uso responsável dos ecossistemas, promovendo assim o uso sustentável da biodiversidade local (Figueredo et al., 2014; Silva et al., 2018; Souza et al., 2024).

Um exemplo da importância do registro desses conhecimentos pode ser observado nas comunidades rurais da Amazônia brasileira, onde o tratamento tradicional de feridas é limitado aos recursos disponíveis, principalmente vegetais, e em alguns casos é complementado pela prática de benzer. Deste modo, estes conhecimentos são amplamente utilizados na preparação de remédios caseiros com a intenção de curar, aliviar sintomas ou proteger escoriações e afecções de pele (Mesquita et al., 2020; Pinto et al., 2020).

A exemplo de tal importância pode-se mencionar os estudos etnobotânicos realizados em três comunidades rurais na região do baixo Tocantins e Nordeste Paraense, pelo menos 22 etnoespécies como plantas utilizadas no tratamento de feridas na pele (Palheta et al., 2017; Leal et al., 2019).

É fundamental mencionar que esses estudos trazem consigo um papel muito importante porque eles podem documentar o conhecimento local transmitido através da tradição oral ao longo de gerações, além de entenderem as interações entre seres humanos e os recursos vegetais. A etnobotânica pode ser definida como o estudo das sociedades humanas, tanto antigas quanto modernas, e das diversas interações que mantêm com o ambiente, incluindo aspectos ecológicos, evolucionários, culturais e simbólicos. Ela reconhece a natureza dinâmica das relações entre as pessoas e as plantas (Albuquerque et al., 2010; Löbler et al., 2014).

A pesquisa etnobotânica em comunidades rurais é uma oportunidade de acessar a riqueza de informações de cunho etnográfico e futuros recursos biológicos podem fornecer subsídios para pesquisas mais específicas, como a bioprospecção de novos medicamentos ou o manejo de áreas de conservação. O Brasil, com sua enorme biodiversidade, facilita a adaptação de diversos grupos humanos à sua rica fauna e flora, o que resulta em um valioso sistema de conhecimento local. Esse saber abrange vastas informações sobre o uso de plantas com fins medicinais (Cajaiba et al., 2016; Silva et al., 2018).

Neste contexto, levar em consideração as diferentes práticas socioculturais de cuidado com a saúde nas comunidades rurais pode oferecer bases racionais, tanto no campo ambiental quanto na saúde, para entender como os indivíduos pensam e agem diante de seus problemas de saúde. Isso facilita a comunicação entre eles e promove um cuidado coerente, favorecendo a promoção da saúde e a criação de políticas e programas que atendam às reais necessidades dessas populações (Rosa et al., 2009).

Com esta abordagem esta pesquisa tem como objetivo analisar a importância do conhecimento tradicional de comunidades rurais sobre plantas medicinais no território brasileiro, além de compreender a perspectiva do que significa saúde entre eles e o acesso aos cuidados institucionais em saúde na comunidade refletindo acerca da importância da valorização e manutenção dos conhecimentos tradicionais sobre as plantas

medicinais no cuidado com a saúde da família, bem como na preservação sociocultural e ambiental da comunidade.

2. Material e Métodos

A presente pesquisa trata-se de uma revisão de literatura, no qual foram reunidas informações extraídas de artigos publicados em periódicos indexados. Conforme Brizola e Fantin (2016) e Ferenhof e Fernandes (2016), a revisão de literatura envolve a análise crítica de obras que abordam um tema específico, sendo crucial para resumir o conhecimento científico atual e identificar lacunas que ainda precisam ser investigadas. Há diversos tipos de revisão, dentre elas a integrativa, que foi adotada neste trabalho.

A metodologia circunscreve-se na abordagem de cunho qualitativo do tipo bibliográfico e análise de documentos, com base no referencial teórico. Para tanto, ancoramo-nos nos estudos de Souza et al. (2021), Carvalho et al. (2021) e Souza et al. (2024) entre outros artigos e publicações em periódicos.

Além da revisão de literatura do referencial teórico, foi realizado um estudo com base na Revisão Sistemática de Literatura (RSL) por meio de um mapeamento de artigos, dissertações e teses disponíveis nas bases de dados da biblioteca digital e da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes) sobre o conhecimento tradicional de comunidades rurais sobre plantas medicinais no território brasileiro.

Após a definição da questão da pesquisa, para a busca dos artigos científicos foram utilizados os seguintes descritores, seguidos pela utilização dos operadores de busca “and” e “or” (Costa e Zoltowski, 2014): “Plantas medicinais em comunidades rurais”. Foram identificados e selecionados trabalhos publicados entre os anos de 2014 e 2024, cujo período de publicações mais recentes e com maior número de publicações relacionadas ao tema. Esses trabalhos foram consultados em diferentes bases de dados: Google Scholar, Scientific Electronic Library Online (SciELO) e Portal de Periódicos da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES).

Nesta pesquisa, foram selecionados estudos que abordam a importância do conhecimento sobre plantas medicinais em comunidades rurais, com ênfase no Brasil. Foram incluídos artigos científicos originais, acessíveis online, de forma gratuita e completa, publicados em português ou inglês. Após a filtragem dos artigos na plataforma foram encontrados 56 artigos.

Trabalhos como monografias, dissertações e teses, além de comunicações breves e revisões sistemáticas, foram excluídos da análise, assim como aqueles que não relacionavam o conhecimento empírico à importância do conhecimento sobre plantas medicinais. Após uma leitura inicial dos títulos e resumos, os estudos que se adequavam aos objetivos desta pesquisa foram lidos integralmente, por meio de uma leitura exploratória, para compor o corpus do estudo.

Após a seleção dos artigos de acordo com os critérios de inclusão definidos, foram seguidos os seguintes passos: tradução dos artigos em língua estrangeira, leitura exploratória, leitura seletiva e escolha do material que se adequam aos objetivos e tema do estudo, leitura analítica e análise dos textos finalizando com a realização de leitura interpretativa (Gonçalves, 2019).

3. Resultados e Discussão

3.1 A percepção sobre saúde e o acesso aos cuidados de saúde oferecidos por instituições em comunidades rurais

No trabalho de Souza et al. (2024) é evidente que a percepção sobre saúde para a comunidade apresenta características próprias que diferenciam sua cultura e suas práticas de cuidado com a saúde. Os especialistas locais como são referidos na pesquisa e suas famílias praticam a agricultura familiar, que envolve trabalho árduo e diversas atividades diárias para garantir a variedade alimentar tanto na roça quanto no quintal, visando

sua subsistência. Essa forma de agricultura também reflete aspectos culturais. Além disso, eles destacam a relação entre a saúde e uma alimentação de qualidade, consumindo o que cultivam para sua própria subsistência, o que os mantém ativos no território ao produzir alimentos saudáveis.

Diante disso, eles entendem que a saúde está associada aos alimentos que vêm diretamente da terra, sem o uso de produtos agroquímicos sintéticos (como herbicidas, pesticidas e adubos), à ausência de estresse (saúde mental), ao descanso adequado, à disposição para o trabalho e ao contato com a terra e o território. Assim, a percepção de saúde dos especialistas locais tem bastante influência do ambiente em que vivem. Como sua principal atividade está ligada à agricultura e ao cuidado de suas propriedades, suas respostas sobre o que é saúde estão relacionadas à capacidade de trabalhar, ao movimento diário e à sobrevivência que isso proporciona (Ceolin, 2011).

Dentro dessa perspectiva de promoção da saúde, ao serem questionados sobre o acesso à unidade de saúde da família (USF) da área de estudo, todos os entrevistados afirmaram que sim, possuem acesso. No entanto, a unidade está localizada a aproximadamente 6 km do sítio Timbó, o que muitas vezes dificulta o acesso das famílias a cuidados médicos mais adequados. Para chegar ao local, a pessoa precisa caminhar bastante ou utilizar um transporte alternativo, que é escasso na região devido à falta de infraestrutura das estradas vicinais, as quais ficam bastante danificadas pela intensificação das chuvas, comum nessa área de alto índice pluviométrico, e pela falta de manutenção por parte do poder público (Souza et al., 2024).

Ao serem questionados sobre a frequência de visitas à Unidade de Saúde Familiar (USF) da região, 82% das pessoas informaram que raramente vão ao posto de saúde, enquanto 18% afirmaram frequentá-lo moderadamente. Isso evidencia que as comunidades mais isoladas enfrentam condições precárias de atendimento médico, levando-as a recorrer ao uso de plantas medicinais como forma principal de cuidado à saúde. Esse resultado está em linha com estimativas que indicam que uma grande parcela da população em países em desenvolvimento depende de plantas medicinais devido à falta de acesso adequado aos serviços de saúde primária (Oliveira, 2015).

Estudos realizados na África, Grécia e na Austrália revelam dificuldades para promover recursos de infraestrutura e recursos humanos, sobretudo em países pobres e no setor público, do qual populações rurais dependem em maior medida (D'ambroso et al., 2019; Franco, Lima e Giovanella, 2021).

De acordo com Souza et al. (2021) as plantas medicinais contribuem para melhorar a qualidade de vida e são importantes para o tratamento de ferimento de pele. Deste modo, as diversas formas de usos e preparo dos remédios caseiros reforçam a importância do conhecimento sobre a flora local, referente aos cuidados com a saúde reforçando ainda mais a importância do conhecimento tradicional.

Para assegurar a sustentabilidade, os programas de telessaúde voltados para áreas rurais devem demonstrar um impacto concreto e mensurável tanto na qualidade de vida das pessoas atendidas quanto no desenvolvimento da comunidade como um todo. As atividades de avaliação podem contribuir para demonstrar esse valor ao monitorar o progresso nas métricas de processo e nos resultados alcançados pelos programas (Kur, Silva e Pinho, 2023).

Diante do exposto, cabe ressaltar que a telemedicina é essencial para ampliar o acesso aos cuidados de saúde, especialmente em regiões rurais e isoladas. A adoção de tecnologias de informação avançadas para oferecer atendimento remoto de forma mais eficiente tornou-se uma demanda importante no cenário atual dos serviços de saúde (Kur, Silva e Pinho, 2023).

Além disso, a atenção primária à saúde é indispensável nas áreas rurais e remotas para enfrentar as desigualdades que marcam esses territórios. A telemedicina contribui significativamente, possibilitando triagem, cuidados e tratamentos a distância, além de apoiar atividades como monitoramento, vigilância, detecção precoce e prevenção de doenças (Kur, Silva e Pinho, 2023).

3.2 Conhecimento tradicional de plantas medicinais como fator de sustentabilidade econômica

As plantas medicinais desempenham um papel significativo em diferentes aspectos da sociedade, abrangendo dimensões sociais, econômicas, ambientais, culturais, ecológicas e políticas, contribuindo para a promoção da sustentabilidade. Desta forma, o uso dessas plantas fortalece a cultura das comunidades tradicionais e favorece a conservação, a recuperação e a manutenção de áreas agrícolas. Contudo, a exploração de ecossistemas tropicais para fins medicinais pode ameaçar seriamente as populações naturais dessas espécies. Para reduzir esses impactos negativos, é importante adotar práticas adequadas de manejo, incentivar a domesticação e promover o cultivo sustentável dessas plantas. Essas ações não apenas preservam o meio ambiente, mas também oferecem alternativas de geração de renda para comunidades rurais e urbanas. Além disso, o estímulo e a regulamentação dessas práticas devem valorizar e reconhecer o conhecimento tradicional relacionado às plantas medicinais (Modro et al., 2015).

No trabalho de Vechi, Neves e Alves (2024), o cultivo de plantas medicinais em uma comunidade rural registrou que 70% dos participantes cultivavam plantas medicinais, e ainda comercializam para o aumento da sua renda familiar. Este dado evidencia a importância do conhecimento sobre as plantas medicinais por comunidades rurais, tanto para os cuidados com a saúde como para complementar a renda.

O uso de plantas medicinais pode contribuir para o aproveitamento sustentável dos recursos naturais, evitando a degradação ambiental, especialmente quando são adotadas práticas de cultivo orgânico e minimizada a utilização de agrotóxicos e fertilizantes. É importante que o interesse por essas plantas esteja diretamente ligado às suas propriedades medicinais e aos reais benefícios terapêuticos que oferecem ao organismo. Além disso, o conhecimento sobre o uso de plantas medicinais tem se destacado como uma alternativa eficaz na prevenção de diversos problemas de saúde (França et al., 2022).

Cabe pontuar que, uma planta medicinal é uma espécie vegetal, cultivada ou não, que é utilizada com finalidades terapêuticas. Por outro lado, os medicamentos fitoterápicos são produzidos exclusivamente a partir de matérias-primas ativas de origem vegetal. Não são classificados como fitoterápicos os medicamentos que contêm substâncias ativas isoladas, sejam elas sintéticas ou naturais, nem aqueles que combinam extratos vegetais com outros compostos (Ângelo e Ribeiro, 2014).

3.3 O uso de plantas medicinais e a relação com a conservação de recursos naturais

As plantas medicinais são amplamente utilizadas em diversas partes do mundo, o que evidencia uma demanda significativa por essas espécies vegetais. Essa procura não se deve apenas à importância terapêutica, mas também ao potencial econômico que muitas delas oferecem na produção e processamento de fitoterápicos, representando uma importante fonte de renda (Vechi, Neves e Alves, 2024).

Além disso, o envolvimento direto das comunidades rurais é essencial para promover a sustentabilidade e a conservação. Esse engajamento é importante não apenas pelo conhecimento tradicional acumulado, que reflete a relação próxima com o uso dos recursos naturais, mas também pela aplicação de técnicas de manejo, cultivo e preservação das espécies nativas. Esse processo valoriza ainda a rica herança cultural de cada comunidade, construída e transmitida ao longo das gerações (Silva et al., 2019; Rabelo e Rolim, 2021).

A ciência contemporânea valoriza o conhecimento popular sobre as plantas e, por meio da etnobotânica, torna-se possível explorar a cultura, a história e os saberes das comunidades, investigando as relações e interações entre as plantas e os seres humanos (Guimarães, Oliveira e Moraes, 2022).

As pesquisas etnobotânicas não apenas promovem a integração de saberes, mas também impulsionam e orientam estudos voltados para a conservação e o uso sustentável dos recursos naturais. Elas destacam a relação entre o ser humano e a diversidade botânica local, além de contribuir para o manejo adequado das plantas medicinais, sua preservação e a identificação de novas espécies (Xavier, Souza e Melo, 2019; Souza e Lorenzi, 2019; Carneiro et al., 2020).

Ao longo do tempo, o conhecimento sobre plantas medicinais tem sido gradualmente ameaçado. O crescimento econômico e as transformações culturais colocam em risco a tradição de seu uso, devido à ampla disponibilidade de medicamentos convencionais, ao desinteresse dos jovens por práticas tradicionais e à degradação dos ambientes naturais (Brito, Marín e Cruz, 2017).

Uma das formas de se conservar as plantas medicinais é por meio dos espaços botânicos no qual estima-se que os espaços botânicos conservem mais de 120.000 espécies, o que é equivalente a 30% de toda a diversidade das espécies vegetais incluindo 59% dos gêneros, 75% das famílias e 93% de todas as famílias de plantas vasculares conhecidas. No entanto, como a maioria dos jardins botânicos está concentrada no hemisfério norte, estima-se que cerca de 76% das espécies de origem tropical estejam ausentes nessa coleção. Apesar disso, os jardins e hortos botânicos desempenham um papel fundamental para a conservação das espécies de vegetais incluindo as com fins medicinais. Desta forma se faz fundamental que haja a ampliação destes espaços (Mounce, Smith e Brockington, 2017; Paulert et al., 2022).

Esses espaços são criados com vários propósitos um deles é a promoção de exposições desenvolvendo as atividades de educação ambiental. Além disso, na pesquisa científica contribui para o estudo da compreensão da flora incluindo aspectos ligados a identificação, morfologia, distribuição, conservação e usos tradicionais (Paulert et al., 2022).

As plantas cultivadas no horto desempenham um papel estratégico não apenas na conservação, mas também na multiplicação de espécies, servindo como matrizes para a produção de mudas. Esse processo é realizado de maneira sustentável, utilizando embalagens recicláveis como recipientes para o cultivo, o que reforça o compromisso com práticas ambientalmente responsáveis. As mudas produzidas são distribuídas gratuitamente à comunidade, especialmente durante eventos educativos, feiras ambientais, mutirões de reflorestamento e outras ações coletivas. Essa iniciativa fortalece os vínculos entre o horto e a população local, promovendo a sensibilização sobre a importância da vegetação nativa, incentivando o reflorestamento urbano e rural, e estimulando a participação ativa da sociedade na proteção do meio ambiente. Além disso, contribui para o resgate de espécies ameaçadas, o fortalecimento da agricultura familiar e a valorização do uso tradicional de plantas, promovendo uma relação mais harmoniosa entre as pessoas e a natureza (Mounce, Smith e Brockington, 2017; Paulert et al., 2022).

Cabe pontuar que, uma das estratégias para se trabalhar com as comunidades são os hortos medicinais no qual se caracterizam como canteiros de plantas medicinais, organizados de forma a relacionar com os principais órgãos do corpo humano e o horário de maiores atividades destes para o tratamento de doenças específicas (Braga, Brito e Linard, 2024).

A análise aprofundada dos resultados de estudos e práticas tem revelado um potencial significativo nos hortos medicinais, posicionando-os como uma estratégia fundamental para o desenvolvimento de ações de educação e promoção em saúde. Essa abordagem se mostra particularmente eficaz no contexto do uso e cultivo de plantas medicinais, servindo como um elo vital entre o conhecimento científico e as práticas tradicionais (Júnior, Godoy e Paula Ferreira, 2023).

Os hortos medicinais oferecem um terreno fértil para a aproximação entre os profissionais de saúde e a comunidade. Nesse cenário, o enfermeiro, por sua atuação próxima e integral, assume um papel de destaque. Ele pode ser o agente facilitador na integração do saber popular sobre o cultivo e uso de plantas medicinais com o conhecimento técnico-científico. Essa troca de saberes é crucial para enriquecer o cuidado em saúde, tornando-o mais completo e culturalmente sensível (Braga, Brito e Linard, 2024).

É imperativo que os profissionais de saúde reconheçam e valorizem o conhecimento popular sobre as plantas medicinais. Longe de serem meras alternativas, essas terapias vêm sendo crescentemente incentivadas e incorporadas como um novo recurso e opção no arsenal do cuidado. Ao integrar as práticas tradicionais, o cuidado em saúde se humaniza e se torna mais significativo para aqueles que o recebem. Essa abordagem holística não apenas reconhece a rica herança cultural da comunidade, mas também empodera os indivíduos, permitindo que participem ativamente de seu próprio processo de saúde (Menezes, Costa e Silva, 2024).

Os hortos medicinais, portanto, não são apenas espaços de cultivo, mas verdadeiros centros de troca de saberes, promoção da saúde e fortalecimento dos laços comunitários (Menezes, Costa e Silva, 2024).

4. Conclusão

Os achados desta pesquisa transcendem a mera constatação da importância das plantas medicinais para a promoção da saúde em comunidades rurais. Eles revelam processos socioculturais e ecológicos que são vitais para a conservação da biodiversidade. Ao investigar o papel das plantas medicinais, a pesquisa ilumina a interdependência entre agricultura, saúde e alimentação, destacando como esses pilares se sustentam mutuamente no contexto rural.

Particularmente relevante é o papel central da agricultura familiar e das comunidades tradicionais pelo vasto conhecimento. São elas as verdadeiras artífices na geração, manejo, conservação e uso sustentável da diversidade biocultural. Isso significa que a preservação não se limita à mera existência das espécies, mas engloba também as práticas, os saberes e as relações que as comunidades estabelecem com o ambiente. Esse conhecimento, transmitido de geração em geração, constitui um patrimônio imaterial de valor incalculável.

Essas comunidades rurais e tradicionais desempenham um papel fundamental na preservação do patrimônio imaterial de plantas nativas e exóticas. Deste modo, a forma como essas comunidades interagem com o ambiente, aplicando seus conhecimentos ancestrais, não apenas garante a continuidade de espécies vegetais valiosas, mas também mantém vivas práticas de manejo que são inerentemente sustentáveis e adaptadas aos ecossistemas locais. Essa coevolução entre ser humano e natureza é um modelo de uso de recursos que merece ser mais estudado, valorizado e replicado, servindo como uma base sólida para políticas de conservação e desenvolvimento rural que respeitem e integrem o saber local.

5. Referências

ALBUQUERQUE, U. D., Nunes, A. T., ALMEIDA, A. D., Almeida, C. M. A. D., Lins Neto, E. M. F., Vieira, F. J., ... & NASCIMENTO, V. D. (2010). Caatinga: biodiversidade e qualidade de vida. **Recife: UFRP**.

Ângelo, T., & Ribeiro, C. C. (2014). Utilização de plantas medicinais e medicamentos fitoterápicos por idosos. **Ciência & Desenvolvimento-Revista Eletrônica da FAINOR**, 7(1).

Braga, R. L., Brito, A. G., & Linard, C. F. B. M. (2024). A importância dos hortos medicinais na promoção da saúde para a população carente. **RECIMA21-Revista Científica Multidisciplinar-ISSN 2675-6218**, 5(2), e524849-e524849.

BRITO, M. F., Marín, E. A., & Cruz, D. D. D. (2017). PLANTAS MEDICINAIS NOS ASSENTAMENTOS RURAIS EM UMA ÁREA DE PROTEÇÃO NO LITORAL DO NORDESTE BRASILEIRO. **Ambiente & Sociedade**, 20, 83-104.

Brizola, J., & Fantin, N. (2016). Revisão da literatura e revisão sistemática da literatura. **Revista de Educação do Vale do Arinos-RELVA**, 3(2).

Cajaíba, R. L., Gomes, A. F., Santos, M. C., Medeiros, R. R., & Silva, W. B. (2016). Perfil dos comerciantes de plantas medicinais no município de Uruará, Pará, Brasil. **Enciclopédia Biosfera**, 13(24), 1473-1482.

Carneiro, V. P. P., Gumy, M. P., Otênio, J. K., Menetrier, J. V., Medeiros, K. A., Bonkoski, V. R., ... & Jacomassi, E. (2020). Perfil do uso de plantas medicinais por moradores da área rural de um Município do Estado do Paraná. **Research, Society and Development**, 9(10), e5099108710-e5099108710.

Ceolin, T., Heck, R. M., Barbieri, R. L., Schwartz, E., Muniz, R. M., & Pillon, C. N. (2011). Plantas medicinais: transmissão do conhecimento nas famílias de agricultores de base ecológica no Sul do RS. **Revista da Escola**

de Enfermagem da USP, 45, 47-54.

Costa, A. B., & Zoltowski, A. P. C. (2014). Como escrever um artigo de revisão sistemática. **Manual de produção científica**, 1, 55-70.

D'Ambruso, L., van der Merwe, M., Wariri, O., Byass, P., Goosen, G., Kahn, K., ... & Twine, R. (2019). Rethinking collaboration: developing a learning platform to address under-five mortality in Mpumalanga province, South Africa. **Health Policy and Planning**, 34(6), 418-429.

da Silva, W. B., Cajaiba, R. L., & Parry, M. M. (2017). Levantamento etnobotânico de plantas medicinais utilizadas pelos moradores do município de Uruará, estado do Pará, Brasil. **Revista Cubana de Plantas Medicinales**, 22(4).

da Silva, W. B., Cajaiba, R. L., & Parry, M. M. (2017). Levantamento etnobotânico de plantas medicinais utilizadas pelos moradores do município de Uruará, estado do Pará, Brasil. **Revista Cubana de Plantas Medicinales**, 22(4).

de Abreu Menezes, M. S., Costa, K. B., & de Abreu Silva, E. S. (2024). IMPLANTAÇÃO DO CENTRO DE ASSISTÊNCIA À SAÚDE INTEGRATIVA E PLANTAS MEDICINAIS-CASIPLAM EM UM MUNICÍPIO DO ESTADO DO MARANHÃO: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA EXITOSA. **REVISTA FOCO**, 17(7), e5346-e5346.

de França Costa, G. D., de Lima, S. H. P., de Andrade, P. L., de Lima, L. B., & da Silva, G. V. (2022). A importância da atenção farmacêutica no uso de plantas medicinais em pacientes portadores de hipertensão arterial sistêmica: uma revisão de literatura. **Research, Society and Development**, 11(15), e582111537790-e582111537790.

de Sousa, R. L., da Silva, E. C., da Silva, A. F., dos Santos Mesquita, S., de Sousa, D. R., de Sousa, A. C. R., ... & Cordeiro, Y. E. M. (2021). Etnobotânica das plantas medicinais utilizadas no tratamento de ferimentos na pele em duas comunidades rurais da região do Baixo Tocantins, Amazônia, Brasil. **Research, Society and Development**, 10(7), e21210716412-e21210716412.

de Souza Carvalho, C., da Silva, M. M., de Abreu, L. P., & Gomes, P. N. (2021). Avaliação do perfil socioeconômico e conhecimento botânico de plantas medicinais na comunidade rural de Santa Marta, Corrente-PI. **Brazilian Journal of Development**, 7(7), 71402-71421.

De Vecchi, A., das Neves, A. F., & Alves, G. M. (2024). O uso de plantas medicinais perspectiva e abordagem em busca de sustentabilidade: produção consumo e potencialidades econômicas. **OBSERVATÓRIO DE LA ECONOMÍA LATINOAMERICANA**, 22(6), e5393-e5393.

Ferenhof, H. A., & Fernandes, R. F. (2016). Desmistificando a revisão de literatura como base para redação científica: método SFF. **Revista ACB: Biblioteconomia em Santa Catarina**, 21(3), 550-563.

Figueredo, C. A. D., Gurgel, I. G. D., & Gurgel Junior, G. D. (2014). A Política Nacional de Plantas Medicinais e Fitoterápicos: construção, perspectivas e desafios. **Physis: Revista de Saúde Coletiva**, 24, 381-400.

Franco, C. M., Lima, J. G., & Giovanella, L. (2021). Atenção primária à saúde em áreas rurais: acesso, organização e força de trabalho em saúde em revisão integrativa de literatura. **Cadernos de Saúde Pública**, 37, e00310520.

Gonçalves, J. R. (2019). Como escrever um artigo de revisão de literatura. **Revista JRG de Estudos Acadêmicos**, 2(5), 29-55.

Guimarães, B. O., Morais, I. L., & Oliveira, A. P. (2022). Medicinal plants and their popular use in Boa

- Esperança Settlement, Piracanjuba, Goiás, Brazil. **Boletín Latinoamericano y del Caribe de Plantas Medicinales y Aromáticas**, 21(4), 485-513.
- Júnior, S. R. X., de Godoy, S. G. M., & de Paula Ferreira, C. (2023). Um horto e uma cartilha pedagógica: ferramentas não-formais para falar de plantas medicinais do ensino médio à graduação. *Revista Brasileira de Educação Ambiental (RevBEA)*, 18(1), 381-397.
- Kur, A. D. S. S., Da Silva, S. O. G., & de Pinho, S. T. (2023). Telemedicina no sus: garantia de acesso aos serviços de saúde para a população rural. **Brazilian Journal of Implantology and Health Sciences**, 5(5), 814-831.
- Leal, J. B., da Silva, M. M., Costa, J. M., de Albuquerque, L. C. D. S., da Silva Pereira, M. D. G., & de Sousa, R. L. (2019). Etnobotânica de plantas medicinais com potencial anti-inflamatório utilizadas pelos moradores de duas comunidades no município de Abaetetuba, Pará. **Biodiversidade**, 18(3).
- Lemos, J. R., & Araujo, J. L. (2015). Estudo etnobotânico sobre plantas medicinais na comunidade de Curral Velho, Luís Correia, Piauí, Brasil. **Biotemas**, 28(2), 125-136.
- Löbler, L., Santos, D., dos Santos Rodrigues, E., & dos Santos, N. R. Z. (2014). Levantamento etnobotânico de plantas medicinais no bairro Três de Outubro, da cidade de São Gabriel, RS, Brasil. **Revista Brasileira de Biociências**, 12(2), 81-81.
- MESQUITA, S. D. S., CRUZ, A. S., Leal, J. B., & Sousa, R. L. (2020). Etnobotânica das plantas medicinais utilizadas nos cuidados com a saúde na comunidade nossa Senhora do Livramento, Acará, Pará. **Gaia Scientia**, 14(2), 142-159.
- Modro, A. F. H., Meneguelli, A. Z., Ribeiro, S. B., Maia, E., & Lima-Júnior, G. A. (2015). Importância do conhecimento tradicional de plantas medicinais para a conservação da Amazônia. **Cadernos de Agroecologia [Volumes 1 (2006) a 12 (2017)]**, 10(3).
- Mounce, R., Smith, P., & Brockington, S. (2017). Ex situ conservation of plant diversity in the world's botanic gardens. *Nature Plants*, 3(10), 795-802.
- Palheta, I. C., Tavares-Martins, A. C. C., Lucas, F. C. A., & Jardim, M. A. G. (2017). Ethnobotanical study of medicinal plants in urban home gardens in the city of Abaetetuba, Pará state, Brazil. **Boletín Latinoamericano y del Caribe de Plantas Medicinales y Aromáticas**, 16(3), 206-262.
- Paulert, R., da Costa Zonetti, P., Kozera, C., Stefanello, S., & Trevisan, L. B. (2020). Plantas medicinais: integrando universidade e comunidade. *Revista Ciência em Extensão*, 16, 36-45.
- Paulert, R., Kozera, C., da Costa Zonetti, P., Stefanello, S., Cristina Araujo, F., Scaravonato de Oliveira, B., ... & Monika Ruppelt, B. (2022). Horto de plantas medicinais: modelo didático como contribuição na extensão universitária. *Extensão em Foco*, (27).
- Pinto, E. G., Cavalcante, F. S. A., & Lima, R. A. (2020). A fitoterapia no tratamento de pele: um estudo bibliográfico. **Biodiversidade**, 19(3).
- Rabelo, V. R., & Rolim, N. P. F. A. (2021). Consumo de plantas medicinais por idosos atendidos na Estratégia Saúde da Família do interior no Ceará. **Nutrivisa Revista de Nutrição e Vigilância em Saúde**, 8(1), E9930-E9930.
- Ribeiro de Oliveira, L. (2015). Uso popular de plantas medicinais por mulheres da comunidade quilombola de Furadinho em Vitória da Conquista, Bahia, Brasil. **Revista verde de agroecologia e desenvolvimento sustentável**, 25-31.
- Rosa, L. M. D., Silva, A. M. F. D., Pereima, R. S. M. R., Santos, S. M. D. A. D., & Meirelles, B. H. S. (2009).

Família, cultura e práticas de saúde: um estudo bibliométrico. **Rev. enferm. UERJ**, 516-520.

Silva, A. C. D., Lobato, F. H. S., & Ravena-Canete, V. (2019). Plantas medicinais e seus usos em um quilombo amazônico: o caso da comunidade Quilombola do Abacatal, Ananindeua (PA). **Revista do NUFEN**, 11(3), 113-136.

Souza, V. C., & Lorenzi, H. (2019). Botânica sistemática: guia ilustrado para identificação das famílias de fanerógamas nativas e exóticas no Brasil, baseado em APG IV.

Souza, Y. V. B., da Silva Andrade, H. M. L., & de Andrade, L. P. (2024). Um Olhar sobre os Conhecimentos Tradicionais de Plantas Medicinais no Cuidado com a Saúde na Comunidade Quilombola do Timbó, Garanhuns-Pernambuco, Brasil. **Ensaio e Ciência: Ciências Biológicas, Agrárias e da Saúde**, 28(1), 02-11.

Xavier, A. R., de Sousa, L. M., & Melo, J. L. M. (2019). Saberes tradicionais, etnobotânica e o ensino de ciências: estudo em escolas públicas do Maciço de Baturité, Ceará, Brasil. **Educ. Form.**, 4(11), 215-233.